

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins e Revisão Técnica de Margarida Maria de Andrade. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

A REVOLUÇÃO URBANA

THE URBAN REVOLUTION

Arthur Breno STÜRMER¹

Henri Lefebvre (1901-1991), filósofo francês do século XX, produziu inúmeras obras que tratam, dentre outros temas, da vida cotidiana, da produção do espaço e da formação e desenvolvimento do Estado. Publicou livros de referência para o estudo da cidade e do urbano: *O Direito à Cidade*, *Vida Cotidiana no Mundo Moderno* e *A Produção do Espaço*. Elas são obras que influenciaram sobremaneira os estudos de geógrafos como o britânico David Harvey e o brasileiro Milton Santos, especialmente pelas teorizações sobre o espaço social.

Nascido em 1901, na localidade de Hagetmau (Landes, França), morreu em 1991. Com formação inicial em filosofia, realizou estudos de matemática, linguística, história e a sociologia. No entanto, é pela reflexão filosófica sobre o espaço que suas ideias ganharam destaque entre os geógrafos, sociólogos, urbanistas e historiadores brasileiros.

Mesmo que grande parte de sua obra não tenha sido traduzida para o português, é possível acessar as principais obras em espanhol, ainda assim, isso não fez de Henri Lefebvre muito conhecido no Brasil. Sua influência, não obstante, é valorizada no meio acadêmico e em alguns eventos que divulgam seu pensamento.

A tradução direta do francês para o português encontrou acolhida pelo leitor brasileiro na edição de 1999 da Editora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que contou com reimpressões sucessivas em 2002, 2004 e 2008. Aqui foi utilizada a mais recente.

Desde que foi publicada pela primeira vez pela Editora Gallimard, em 1970, *A revolução urbana* trouxe contribuições consideradas entre as mais importantes para entender o “urbano”, definido por ele como uma “realidade inacabada, horizonte, virtualidade iluminadora” (LEFEBVRE, 2008, p. 26). É sobre o urbano e a sociedade numa hipotética (e “virtual”) urbanização completa que o autor se fixa para explicar a evolução ou revolução urbana. Segundo o autor, esta se compõe de um conjunto de transformações pelas quais as questões de crescimento e industrialização cedem espaço à problemática urbana. Então a busca de soluções e modalidades próprias à sociedade urbana passa ao primeiro plano (Ibid., p. 16-17).

Entretanto, ao principiar a análise que converge para a sociedade urbana, é traçada uma linha histórica que parte da cidade política, passa à cidade mercantil, à cidade industrial e culmina na zona crítica. Denominada também de fase crítica, a zona crítica figura-se como uma “caixa preta” (Ibid., p. 26), pelo pouco conhecimento que se tem acerca dela. Sabe-se, ao menos, tratar-se de uma situação que sobrevém à “implosão-explosão” (ou crise profunda, confusão...) em que há enorme concentração na realidade urbana, seguida de imensa explosão equivalente à projeção de fragmentos múltiplos de disjuntos.

A zona crítica corresponde à própria revolução urbana. Chegando a ela emergem dificuldades para vê-la. Lefebvre (2008) refere-se a um “ponto cego” de compreensão do que acontece entre o industrial e o urbano, assim como aconteceu entre o rural e o industrial no passado. Diz o autor que “o campo novo – o urbano –” é visto com olhos e conceitos formados na prática e teoria da industrialização, com um pensamento analítico que é

¹Doutorando em Geografia - UFSM. Docente do Instituto Federal de Alagoas – IFAL.

fragmentário e se especializa ao longo do período industrial, tornando-se redutor da realidade em formação (LEFEBVRE, 2008).

Ora, mas para fazer ciência em cima do urbano como algo virtual é preciso método distinto da dedução e indução, razão pela qual Lefebvre faz uso da transdução, em que o objeto de reflexão é apenas possível. É, sim, um exercício de método, em que a industrialização-urbanização constitui um momento-chave que conduz à sociedade urbana como probabilidade. Assim, o fenômeno urbano, para ser compreendido, requer trazer o modo de vida e cotidiano ao primeiro plano das discussões sobre a prática, os sujeitos sociais e as instituições, isto é, a realidade social em sua totalidade sem se esquecer das suas virtualidades.

Nisso, é necessário habilidade para compreender o fenômeno urbano em seu movimento, que é feito examinado sob a lógica da forma e dialética dos conteúdos. E é como forma – forma urbana – e não apenas conteúdo, que o urbano é conceituado. Além do que se vê enquanto forma e do que nesta há de conteúdo (coisas, objetos, pessoas, situações), o urbano é entrevistado pelas mediações do social, a saber: o vivido, o percebido e o concebido, ou o cotidiano, a alienação, o social, a subjetividade, etc. São essas mediações que farão do urbano o resultado de um processo de mudança qualitativa na cidade e, da cidade à sociedade urbana, dependem do elemento social que irá definir o espaço social. Em outras palavras, o espaço que é produzido socialmente não apenas através da influência do sistema econômico capitalista (industrial), mas também por outros agentes sociais.

Pela obra supra ainda é possível compreender um pouco mais sobre o que é o urbano, quando Lefebvre se empenha em diferenciá-lo do que envolve a cidade, ao relacioná-lo à industrialização e ao dispor sobre as razões da crise que ele anuncia para a chamada “zona crítica”.

Diferentemente da sua obra anterior, que dois anos antes falara do direito à cidade, do poder coletivo de mudar a cidade e dar novos rumos ao processo de urbanização, agora, em *A revolução urbana*, anuncia a própria revolução, dando mais razões ao reconhecer uma demanda que identificara: outro tipo de acesso e renovação da vida urbana, que se faria com a produção do espaço. Lefebvre não se refere apenas ao espaço de produção de coisas, reprodução de relações sociais e do espaço social, mas produção de um urbano cujo conteúdo se direciona a descoberta dos sujeitos e suas obras.

A revolução urbana também antecipa as discussões que viriam em obras posteriores, quando deixa claro que a sociedade produz o seu espaço, e não apenas o organiza. Que ao produzir age como sujeito coletivo, o que nos faz pensar na contradição que se estabelece com a apropriação do espaço pelo sujeito privado. É uma revolução situada no limiar próprio do urbano, após o longo percurso traçado desde a cidade política, cidade comercial (quando há uma inflexão do agrário para o urbano), passando pela cidade industrial e a implosão-explosão explicada pela concentração urbana, êxodo rural, extensão do tecido urbano e subordinação completa do agrário ao urbano.

Ensaia-se, neste ponto, a zona crítica que o filósofo ou, como se dizia, “metafilósofo”, que pensava a realidade social como totalidade e incluindo o virtual – o “urbano” como realidade não acabada em relação à realidade atual, em contraposição à cidade, que já designava um objeto definido e definitivo.

Lefebvre (2008) preferiu encarar a problemática urbana no processo geral e transpor a zona crítica pelo pensamento. O que pretendia com suas hipóteses revelou-se com a busca por demonstrar o urbano – a sociedade urbana – fundado em uma prática social em marcha, uma “prática urbana” em constituição, que enfrenta obstáculos, é prática velada e dissociada, referida à sociedade planetária, à “cidade mundial”. Isso pensado na segunda metade do século XX significou colocar o problema do urbano no contexto do debate sobre a periferia do capitalismo mundial. Para o “Terceiro Mundo”, a expressiva industrialização alimentada

pela chegada de multinacionais e a urbanização sustentada pelo êxodo rural dão uma ideia dos problemas que sua população veio enfrentar. Elas foram evidentes em termos de desigualdade de acesso aos serviços e equipamentos urbanos, bem como e muito mais sério, foram acompanhadas de dificuldades em produzir seu espaço, ao passo que o Estado garantia, no lado oposto, o espaço ao/do capital.

Com *A revolução urbana*, essas questões se põem desnudas, e o público interessado especialmente em geografia urbana e urbanismo, mesmo após quase duas décadas de sua publicação em português, irão se deleitar. Assim, também, todos que pretendam se aprofundar na questão urbana serão bem atendidos, podendo estar certos se nutrir do melhor da teoria lefebvriana.

Resenha recebida em 20-09-2018

Resenha aceita para publicação em 06-01-2019